

A Grande Magia da Incompetência: como Portugal transforma recursos em maus resultados



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Incompetência: como Portugal transforma recursos em maus resultados

Há países que falham por falta de recursos.

Portugal, mais criativo, consegue falhar apesar deles. Uma verdadeira obra de engenharia negativa, com carimbo, orçamento e PowerPoint.

Nota de abertura:

Portugal não falha por falta absoluta de talento, diagnósticos ou recursos. Falha porque montou uma máquina que recompensa o anúncio mais do que a execução, a obediência mais do que a competência e o remendo mais do que a reforma. O resultado é uma alquimia rara: entra potencial, sai adiamento.

Há países pobres porque não têm recursos. Há países frágeis porque lhes faltam instituições. Há países

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal é uma criatura mais sofisticada. Tem talento, universidades, hospitais, engenheiros, médicos, professores, investigadores, empresários capazes, fundos europeus, acesso ao mercado único, mar, localização estratégica, segurança relativa, clima, cultura, diáspora, história e uma dose razoável de inteligência dispersa pelo território.

E, apesar disso, consegue regularmente produzir maus resultados no ensino, na saúde, na economia, na justiça, no social, na habitação, na floresta, na administração pública e em quase tudo o que exige continuidade, visão e execução.

Isto não é pouca coisa. Não é qualquer país que consegue falhar assim com tanta consistência. Para obter resultados tão medíocres durante décadas, com tantos meios disponíveis, é preciso método. É preciso disciplina. É preciso uma arte antiga, quase alquímica: transformar possibilidades em obstáculos, talento em emigração, dinheiro em despesa, planos em pó e urgências em calendários.

Portugal não é apenas um país. É uma escola superior de conversão do potencial em adiamento.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

comissão.

Entra urgência, sai grupo de trabalho.

Entra problema, sai diagnóstico.

Entra tragédia, sai comunicado.

Entra dinheiro, sai remendo.

Entra talento, sai bilhete de avião.

É uma máquina extraordinária. Qualquer país normal, perante tantos problemas repetidos, sentiria vergonha, corrigiria processos, avaliaria resultados, responsabilizaria decisores e mudaria o que não funciona.

Portugal prefere outra solução: muda o nome dos programas, reorganiza os ministérios, troca os logótipos, cria uma nova plataforma digital com password impossível e anuncia uma “estratégia integrada”.

A palavra “integrada” em Portugal tem um significado muito próprio. Normalmente quer dizer que ninguém sabe bem quem manda, ninguém sabe exactamente quem executa, todos se reúnem, todos opinam e, no fim, ninguém responde.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O país que anuncia antes de fazer

Portugal tem uma obsessão com anúncios. Anunciar é o nosso desporto institucional.

Anuncia-se reforma. Anuncia-se plano. Anuncia-se pacto. Anuncia-se investimento. Anuncia-se simplificação. Anuncia-se choque tecnológico. Anuncia-se modernização administrativa. Anuncia-se estratégia para o mar, para a floresta, para a habitação, para a saúde, para os jovens, para os idosos, para as empresas, para a inovação, para a produtividade, para a felicidade burocrática das tartarugas.

Depois, a realidade pede a palavra.

E é sempre desagradável, essa malcriada.

O cidadão continua à espera de consulta.

O aluno continua numa escola cansada.

O professor continua esmagado por burocracia.

O jovem continua sem casa.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A empresa continua presa em licenças e formulários.

A floresta continua pronta a arder.

O tribunal continua a mastigar processos durante anos.

A administração continua a pedir documentos que o próprio Estado já tem.

Mas o anúncio foi feito. E, para efeitos televisivos, isso já é quase obra concluída.

Portugal governa muito por inauguração mental: corta-se a fita antes de construir o edifício.

Ensino: formar talento para o aeroporto

No ensino, Portugal conseguiu um feito notável: democratizou o acesso à educação, formou gerações mais qualificadas e depois criou uma economia incapaz de absorver plenamente esse talento.

É brilhante, no género trágico. O país investe na formação de jovens, prepara-os para o século XXI, fala-lhes de competências digitais, pensamento crítico,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O resultado é previsível: os jovens partem.

E quando partem, o país fica melancólico. Faz reportagens sobre a “geração mais qualificada de sempre”. Fala da “fuga de cérebros”. Organiza debates. Convida especialistas. Toma notas. Cria recomendações. Depois continua igual.

No fundo, Portugal é como aquele pai que paga explicações ao filho durante anos e, quando o filho finalmente se torna competente, lhe diz: “Agora vai lá para fora, que aqui não temos lugar para ti.”

O ensino devia ser motor de transformação económica. Em Portugal, demasiadas vezes, é uma linha de montagem para exportação de competência.

Formamos talento.

Não o valorizamos.

Não o retemos.

Depois lamentamos a perda.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Saúde: o heroísmo a tapar a gestão

Na saúde, o país vive de uma contradição permanente: tem profissionais extraordinários e um sistema frequentemente exausto, mal gerido, mal planeado e politicamente maltratado.

O Serviço Nacional de Saúde é defendido com discursos emocionados, quase litúrgicos. Todos o veneram em público. Todos o invocam como conquista civilizacional. Todos prometem protegê-lo.

Depois, na prática, o sistema é empurrado para urgências congestionadas, listas de espera, falta de médicos de família, serviços sobrecarregados, profissionais cansados e reformas anunciadas com a suavidade inútil de quem muda cortinas numa casa com infiltrações.

Os profissionais salvam o sistema todos os dias. E é precisamente isso que permite à política continuar a abusar dele.

Porque enquanto houver médicos, enfermeiros, técnicos, auxiliares e administrativos a aguentar a estrutura com sacrifício pessoal, o poder político pode

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

dentro.

E isso é uma forma de exploração moral.

O país chama “resiliência” ao que muitas vezes é apenas desgaste humano. Chama “dedicação” ao que muitas vezes é compensação da má gestão. Chama “pressão conjuntural” ao que já é estrutural há demasiado tempo.

A saúde em Portugal sofre de uma doença conhecida: excesso de discursos terapêuticos e falta de cirurgia profunda.

Social: a pobreza administrada com formulário

Na área social, Portugal tem outra habilidade refinada: transformar pobreza em processo administrativo.

Há apoios, programas, prestações, candidaturas, plataformas, documentos, comprovativos, prazos, declarações, validações e reavaliações. Há linguagem bonita: inclusão, coesão, vulnerabilidade, envelhecimento digno, combate à pobreza, igualdade de oportunidades.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pobreza. Repetir a prova. Submeter a prova. Aguardar validação da prova. Corrigir a prova porque falta uma declaração emitida por outro serviço que também demora. A miséria, pelos vistos, tem de vir bem formatada.

O Estado português gosta muito dos pobres em abstracto. Nos discursos, são sempre prioridade. Na prática, são muitas vezes tratados como utentes incómodos de uma burocracia que exige paciência a quem já gastou todas as reservas de paciência para sobreviver.

A habitação tornou esta tragédia ainda mais cruel. Salários baixos, rendas altas, crédito difícil, centros urbanos capturados por turismo e especulação, jovens presos em casa dos pais, famílias esmagadas por despesas.

Depois vêm os planos públicos de habitação, que avançam com a velocidade de uma procissão em terreno inclinado.

Portugal conseguiu transformar o direito a viver numa equação de desespero mensal.

E ainda há quem fale em “resiliência das famílias”. Que expressão magnífica. Quando o sistema falha, chama-se resiliência à capacidade das vítimas de não desaparecerem.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Na economia, a magia é talvez a mais visível.

Portugal quer salários europeus, mas mantém uma economia demasiado dependente de sectores de baixo valor acrescentado. Quer produtividade, mas tolera empresas sem escala, gestão fraca, capitalização débil e pouca incorporação tecnológica. Quer inovação, mas sufoca inovadores em burocracia. Quer exportações sofisticadas, mas continua encantado com actividades que competem pelo preço baixo.

Quer ser rico, mas organiza-se como país barato.

Isto é uma contradição, claro. Mas Portugal já transformou contradições em património imaterial.

Durante anos, vendeu-se o país como destino seguro, barato, simpático, turístico, flexível e soalheiro. O problema é que “barato” é excelente para quem compra, não para quem vive cá. Um país que se vende barato acaba a pagar salários baratos, a ter carreiras baratas, serviços baratos, ambições baratas e futuro barato.

Depois estranha que os jovens saiam. Que os qualificados procurem outros mercados. Que a produtividade não descole. Que os salários não converjam.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

justifica baixos salários; baixos salários desincentivam transformação; a falta de transformação perpetua baixa produtividade; e, no fim, aparece um governante a dizer que precisamos de “mais qualificação e inovação”.

Obrigado pela descoberta. Deve ter sido cansativo chegar a essa conclusão depois de quarenta anos de relatórios.

Administração pública: o labirinto como identidade nacional

A administração pública portuguesa é uma obra-prima do absurdo.

O Estado pede ao cidadão documentos que o próprio Estado já possui. Obriga empresas a preencherem formulários para provar coisas que já declarou noutro portal. Cria plataformas digitais que, em vez de simplificarem, informatizam a complicação. Transforma balcões em websites e chama a isso modernização.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A máquina administrativa portuguesa é pesada onde devia ser leve e leve onde devia ser firme. É pesada com o cidadão comum, com a pequena empresa, com quem precisa de uma licença, de uma resposta, de uma consulta, de uma pensão, de uma autorização.

Mas torna-se misteriosamente leve perante grandes interesses, responsabilidades difusas, derrapagens, atrasos, incompetência acumulada e decisões erradas.

Para uns, o Estado é uma muralha.

Para outros, é uma porta giratória.

O país não precisa apenas de “simplex”. Precisa de uma revolução silenciosa da responsabilidade: menos processos inúteis, mais decisões claras; menos pareceres eternos, mais execução; menos entidades a comentar, mais entidades a responder.

Mas isso exigiria mexer em hábitos, poderes, carreiras, zonas de conforto e pequenos feudos administrativos. Uma maçada. Muito melhor lançar um portal novo.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Não é apenas lenta. É existencialmente lenta. Lenta ao ponto de o tempo deixar de ser calendário e passar a ser estratégia processual. Há processos que envelhecem melhor do que certas instituições. Há recursos, incidentes, nulidades, prescrições, adiamentos e formalismos suficientes para transformar uma causa judicial numa saga familiar.

E uma justiça lenta não é apenas ineficiente. É injusta.

Para o cidadão comum, a demora é castigo. Para quem tem poder e recursos, a demora pode ser ferramenta. A desigualdade não vive apenas nas sentenças. Vive no acesso, no tempo, no custo, na capacidade de resistir ao desgaste.

Portugal gosta muito de proclamar o Estado de Direito. Faz bem. O problema é que o Estado de Direito não vive apenas em constituições bonitas. Vive na capacidade concreta de resolver conflitos, punir crimes, proteger direitos e fazê-lo em tempo útil.

Justiça que chega tarde demais é uma carta de condolências com carimbo oficial.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O fio comum a tudo isto é a ausência de responsabilização.

Em Portugal, quando algo falha, raramente se identifica uma cadeia clara de decisão. As responsabilidades dissolvem-se numa nuvem administrativa: foi o contexto, foi a conjuntura, foi a herança, foi a pandemia, foi a guerra, foi a inflação, foi Bruxelas, foi o tribunal, foi a câmara, foi o instituto, foi a empresa, foi o anterior governo, foi a chuva, foi o calor, foi a seca, foi o excesso de procura, foi a falta de adesão, foi uma falha informática.

Nunca é ninguém.

Este é talvez o maior triunfo da incompetência portuguesa: falhar sem rosto.

Quando ninguém responde, todos aprendem que errar não custa. E quando errar não custa, o erro torna-se rotina. A incompetência deixa de ser acidente e passa a sistema de carreira.

Portugal não precisa apenas de melhores políticas. Precisa de consequências.

Consequências para quem promete e não executa.

Consequências para quem gere mal.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Consequências para quem usa cargos públicos como palco de vaidade.

Consequências para quem transforma serviços essenciais em experiências de paciência medieval.

Sem consequências, a incompetência é subsidiada.

O culto do remendo

Outra grande religião nacional é o remendo.

Remenda-se a saúde com horas extra.

Remenda-se a escola com boa vontade dos professores.

Remenda-se a economia com baixos salários.

Remenda-se a pobreza com apoios lentos.

Remenda-se a habitação com anúncios.

Remenda-se a floresta com bombeiros.

Remenda-se a justiça com reformas processuais.

Remenda-se a administração com plataformas digitais.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

fotografar, dá para dizer que “estão a ser tomadas medidas”. Mas não resolve a estrutura. Apenas adia o colapso para a próxima equipa governativa, que por sua vez acusará a anterior e anunciará outro remendo, agora com nome moderno e logótipo colorido.

É a economia circular da incompetência.

A mediocridade protegida

Há ainda um elemento cultural profundo: Portugal protege demasiado a mediocridade instalada.

Quem faz diferente incomoda. Quem exige resultados é desagradável. Quem denuncia desperdício é conflituoso. Quem pensa grande é acusado de arrogância. Quem quer mudar processos é perigoso. Quem mede desempenho é tecnocrata. Quem pede responsabilidade é radical.

A mediocridade, pelo contrário, é pacífica. Sabe estar. Sorri. Cumpre protocolo. Não levanta ondas. Não ameaça feudos. Não faz perguntas difíceis. Não entrega resultados espectaculares, mas também não embaraça os instalados.

Por isso sobe. Por isso fica. Por isso manda.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

são produto dele.

Quando a competência é vista como ameaça, o país escolhe a estagnação com ar respeitável.

A tragédia maior: Portugal podia ser muito melhor

O mais doloroso é que Portugal não está condenado à mediocridade.

Esse é o ponto central.

Portugal podia ser muito melhor.

Tem dimensão suficiente para ser ágil. Tem integração europeia. Tem talento científico e técnico. Tem comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. Tem universidades capazes. Tem empresas competentes em vários sectores. Tem segurança, mar, clima, cultura, capacidade turística, potencial energético, agricultura de qualidade, indústria exportadora, criatividade, património, localização atlântica.

Não faltam peças. Falta montagem.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mobilidade enquanto o carro continua sem rodas.

Não é falta de matéria-prima. É falha de comando.

Portugal tem inteligência individual. O que lhe falta é inteligência institucional. Tem neurónios. Falta sinapse. Tem talento. Falta sistema. Tem diagnósticos. Falta execução. Tem dinheiro em vários momentos. Falta aplicação inteligente. Tem vontade social. Falta coragem política.

E falta, sobretudo, uma intolerância adulta ao mau resultado.

Conclusão: a magia tem nome

A pergunta inicial era: como é que um país como Portugal consegue prestações tão incompetentes no ensino, na saúde, no social e na economia?

A resposta é amarga: consegue porque montou uma máquina que recompensa o anúncio mais do que a execução, a obediência mais do que a competência, o remendo mais do que a reforma, a desculpa mais do que a responsabilidade e a sobrevivência política mais do que o futuro nacional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

baixa exigência e uma tolerância quase religiosa à mediocridade.

A verdadeira magia portuguesa não é obter maus resultados. Isso, infelizmente, já se tornou banal.

A verdadeira magia é conseguir obtê-los repetidamente, explicá-los solenemente, prometer corrigi-los, não corrigir quase nada e ainda aparecer no ano seguinte com a mesma confiança facial de quem descobriu a roda, embora continue a transportar o país às costas de um burro cansado.

Portugal não precisa de mais encantadores de PowerPoint.

Precisa de menos truques e mais obra.

Menos “estratégias integradas” e mais resultados mensuráveis.

Menos “estamos a trabalhar” e mais “isto foi feito”.

Menos “não é possível mudar tudo de um dia para o outro” e mais “começámos hoje, com metas, responsáveis e prazos”.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Porque a paciência, quando se torna eterna, deixa de ser virtude. Passa a ser cumplicidade.

E Portugal já teve paciência suficiente para encher arquivos, relatórios, ministérios e cemitérios de oportunidades perdidas.

Nota Editorial

Esta crónica não pretende negar os avanços reais que Portugal alcançou nas últimas décadas: democratização do ensino, acesso universal à saúde, infraestruturas, modernização parcial do Estado, integração europeia e melhoria de indicadores sociais.

O ponto crítico é outro: face aos recursos disponíveis, ao talento nacional, aos fundos

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A incompetência estrutural não nasce apenas da falta de dinheiro. Nasce da ausência de responsabilização, da cultura do anúncio, da protecção da mediocridade, da fragmentação institucional, da burocracia e da falta de execução persistente.

Portugal não precisa apenas de mais planos. Precisa de uma cultura adulta de resultado, consequência e exigência. Sem isso, continuará a fazer da esperança uma rubrica orçamental e da paciência uma prisão nacional.

Aletheia Veritas

Fragmentos do Caos

FC-Chronic-News



GitHub Pages



CodeBerg Pages

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.